

9.5.49

LENÇOS DE PAPEL

RUBEM BRAGA

«Banqueiro de profissão, pouco afeito às práticas diplomáticas, talvez eu tenha ferido muito rudemente o assunto...» Acredito que o sr. Correia e Castro seria mais exato se no lugar de «banqueiro» escrevesse «mendigo», e no lugar de «rudemente» escrevesse «humildemente». Ele chega a transferir ao sr. Snyder, secretário do Tesouro dos Estados Unidos, não somente as atribuições de seu cargo como também as de todo o Poder Executivo e Legislativo com esta chave de ouro:

«É verdadeiramente confiante, sr. Snyder, que deixo em vossas mãos a solução do problema vital de nosso desenvolvimento econômico e da restauração de nossas finanças.»

O sr. Snyder, que é um homem muito ocupado, transmitiu o «abacaxi» a um sr. Abbink. Mandou-a para cá, dar um jeito em nossas coisas. Agora é que estou vendo que o sr. Euvaldo Lodi não tinha razão alguma ao se revoltar com certas atitudes de sr. Abbink, que julgava impertinentes. Os protestos do sr. Lodi e outros brasileiros contra os palpites de sr. Abbink, palpites tendentes, afinal de contas, a aprofundar e sistematizar a exploração desta imensa colônia em benefício dos homens do dólar — eram perfeitamente sem razão. A carta do sr. Correia e Castro ao sr. John Snyder autorizava-o a isso, e a muito mais. O sr. Abbink mostrou perfeitamente ter ficado muito espantado com certas arrogâncias de alguns indígenas deste território de mendigos. Se o ministro da Fazenda diz aquelas coisas, para que fazer «fita»? Quem bate à porta alheia de «chapéu na mão não pode fazer exigências.

Meses atrás sumiu, de nossa praça, uma gentil mercadoria: os lenços de papel americanos. Confesso que uma das minhas numerosas fraquezas é o uso desses lenços, que me parecem substituir com muitas vantagens os de pano. Procurei-os de farmácia em farmácia, inutilmente. «Não estão vindo mais». Um farmacêutico chegou a me explicar que o governo agia muito bem não dando licença para a importação daquele artigo, considerado de luxo — e, na realidade, dispensável. Esse farmacêutico me pareceu um admirador do sr. Correia e Castro.

Um outro, porém, me disse que não era nada disso. Os lenços de papel haviam sumido porque uma grande firma comercial norte-americana, que ia instalar seus negócios no Rio, resolvera comprar todo o estoque para lançar a mercadoria, a preço convidativo, em suas vendas de abertura, como propaganda. «Nós perdemos o que podíamos ganhar vendendo essas caixas de lenço. Mas o americano vai lucrar muito com isso. Americano aqui dentro faz o que bem entende». Confesso que olhei esse outro farmacêutico muito desconfiado de que fosse um comunista, com mania anti-americanista.

Acontece que nos grandes e excitantes anúncios da «Sears Roebuck» lá estavam, como por milagre, os queridos lenços de papel.

Isso é um detalhe tão ínfimo da pitoresca e dramática história de nossas relações comerciais com os Estados Unidos que não sei porque me ocorreu contá-lo. O sr. ministro não cuida de lençinhos de papel, mas de coisas mais importantes como dólares, café e petróleo. Eu, que sou um cronista ligeiro e talvez leviano, vejo apenas esses lençinhos de papel. E julgo as coisas por eles, o que talvez seja errado.

Enfim, eles servem perfeitamente para enxugar as lágrimas — de quem quiser chorar de vergonha. Ou chorar de tanto rir. Ou, segundo a formidável e genial técnica diplomática do sr. Correia e Castro, chorar para ganhar tem-tem...